

Deleuze entre Sade e Masoch: uma complementariedade impossível

Deleuze between Sade and Masoch: an impossible complementarity

TAMARA HAVANA DOS REIS PASQUALATTO¹

Resumo: A fim de justificar a separação da pretensa unidade sadomasoquista, Gilles Deleuze propõe o retorno às obras de Sade e de Masoch para encontrar nelas o trabalho não de doentes mentais, mas sim de médicos da civilização. No presente escrito procuramos acentuar duas características capitais da diferença estabelecida pelo filósofo entre os dois autores para sustentar, literariamente, que o mundo de Masoch não pode ser deduzido do de Sade e vice e versa. Assinalamos para análise as diferenças de linguagem e as diferenças em relação à Lei, para mostrar como Deleuze sustenta sua crítica à entidade nosológica sadomasoquista, argumentando pela complementariedade impossível de ambas.

Palavras-chave: sadismo; masoquismo; Deleuze.

Abstract: In order to justify the separation of the supposed sadomasochistic unity, Gilles Deleuze proposes a return to the works of Sade and Masoch to find in them the work not of mental patients, but rather of doctors of civilization. In this paper we seek to emphasize two key characteristics of the difference established by the philosopher between the two authors to sustain, in literary terms, that Masoch's world cannot be deduced from Sade's and vice versa. We point out for analysis the differences in language and the differences in relation to the Law, to show how Deleuze sustains his critique of the sadomasochistic nosological entity, arguing for impossible complementarity of both.

Keywords: sadism; masochism; Deleuze.

Introdução

Gilles Deleuze ao escrever *Sacher-Masoch: o frio e o cruel* (1967) propõe uma leitura filosófica inovadora e radical do chamado 'masoquismo', desafiando as classificações psiquiátricas tradicionais que o trataram como o oposto ou o complementar do 'sadismo'. Contra essa visão binária – amplamente difundida a partir da obra do médico Krafft-Ebing e consolidada na tradição psicanalítica – o livro em questão argumenta que o universo masoquista é autônomo, com lógica própria, estrutura formal e regime afetivo absolutamente distintos dos do sadismo.

¹ Bolsista da Fundação Araucária. Mestre e Doutoranda em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: tamarapasqualatto@gmail.com

A obra original, *Présentation de Sacher-Masoch. Le froid et le cruel*, compõe-se de três partes. O texto que utilizamos em português, *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, publicado pela Jorge Zahar, em 2009, contempla apenas a primeira parte, da obra original, que se constitui de um ensaio filosófico que trata do regime do desejo masoquista, de suas figuras simbólicas e de seu imaginário específico. A segunda e a terceira parte do texto original apresenta uma seleção comentada de textos de Leopold von Sacher-Masoch, escritor que dá nome ao termo 'masoquismo', e cuja obra, especialmente *Vênus das Peles* (2008.), serve de base para o estudo.

Desde o início, Deleuze se afasta da leitura clínica e moralizante, pois seu objetivo não é patologizar Sacher-Masoch, mas pensar a fantasia masoquista em termos de uma formação desejante legítima, literária, estética e política, cujos elementos – o contrato, o frio, a mãe dominante, a suspensão do tempo – compõem um dispositivo complexo e rigoroso de investimento libidinal. O masoquismo, para Deleuze, não é a busca pura e simples do sofrimento: é um processo de educação do desejo pela dor, uma dramaturgia pactuada a partir da qual, o sofrimento é mediado por um contrato, diferentemente do sadismo, que se funda na lei unilateral da crueldade.

A distinção que Deleuze estabelece entre 'o frio' (do masoquismo) e 'o cruel' (do sadismo) é essencial. Enquanto o sádico age sob uma lógica da transgressão e da destruição da moral, o masoquista constrói uma encenação ritualizada, onde a dor é autorizada apenas como meio pedagógico e transformador. O masoquismo, assim, não está interessado em aniquilar o outro, mas em constituí-lo como figura ideal – especialmente a mulher – elevada à condição de deusa, mestra ou mãe.

Essa operação simbólica, segundo Deleuze, só é possível mediante a renegação, mecanismo que não nega a realidade, mas a suspende, instaurando um universo paralelo e teatral, onde o contrato substitui a lei, e a fantasia substitui a repressão. A partir daí, Deleuze aproxima o masoquismo da arte, da literatura e da criação de novos regimes sensíveis, afastando-o de qualquer tentativa de classificação patológica.

Com essa obra, Deleuze não apenas faz justiça à sofisticação de Sacher-Masoch, resgatando-o da sombra de Sade, também propõe uma verdadeira ontologia da fantasia. O masoquismo é, aqui, pensado em relação a uma máquina de produção de subjetividade, que nos obriga a repensar o desejo, o corpo e os signos que nos constituem - uma linha de fuga estética e política que escapa ao reducionismo clínico.

Mais ainda, para Deleuze, Sade e Masoch são admiráveis exemplos de eficácia literária, pois cumprem sua função de pensar o homem e o mundo. O fato de seus nomes servirem para designar perversões expressa que em suas obras há elementos que justificam tal uso. Deleuze ressalta que pode acontecer de doentes típicos darem seus nomes a doenças, todavia, na maioria das vezes, são os médicos que, separando sintomas e agrupando-os de outra maneira criam quadros clínicos e, por isso, seus nomes são associados às doenças que estudaram. É o caso, por exemplo, de John Dalton que descobriu a doença que conhecemos por daltonismo. Resta saber: Masoch e Sade foram doentes ou médicos?

Na perspectiva deleuziana, um grande artista ou escritor é antes um médico da civilização que um doente. Se Masoch e Sade nomeiam perversões não é porque sofrem delas, mas porque renovam seus sintomas, traçando com isso quadros originais. Essa concepção é apoiada pelas afirmações que Deleuze faz em seu texto *A literatura e a vida* (1997), no qual entende que “a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu” (Deleuze, 1997, p.13). Para ele, aqueles que merecem ser chamados de escritores não utilizam da sua vida pessoal, de suas lembranças, de sua neurose ou perversão para escrever, pois a escrita é um processo, um devir, uma passagem de vida que ultrapassa o que foi vivido e o que ainda há por viver.

Desse modo, os literatos não escrevem sobre suas experiências, mas sobre um sentimento de vida e, por isso, denunciam sintomas do mundo: “o escritor, enquanto tal, não é um doente, mas antes um médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde” (Deleuze, 1997, p.15).

Sendo assim, Sade e Masoch apresentam em seus livros quadros inigualáveis de sintomas e signos, que precisam ser apreciados separadamente. Cabe ainda ressaltar que, para Deleuze, Masoch apresenta uma sintomatologia ainda mais refinada que Sade, que precisa ser analisada com cuidado. E é sobre esse substrato que o francês argumenta pela separação da unidade sadomasoquista, buscando nas obras literárias de cada autor provas que mostrem a especificidade de cada um, assinalando suas diferenças e semelhanças. Neste escrito, procuramos ressaltar duas diferenças fundamentais entre Sade e Masoch, assinaladas por Deleuze (2009): a diferença de linguagem e a diferença em relação à lei. Nosso intuito é mostrar como, do ponto de vista literário, o autor de *A vênus das peles* jamais poderia fazer *Filosofia na Alcova*.

Mais precisamente, o presente trabalho propõe uma leitura filosófica e literária da relação entre os universos de Sade e Masoch, a partir da análise desenvolvida por Gilles Deleuze em *Apresentação de Sacher-Masoch*. Para tal fim, na primeira seção, analisamos criticamente a noção de complementaridade entre Sade e Masoch, examinando suas origens na tradição psicanalítica e nos discursos normativos sobre a sexualidade. Na segunda seção, abordamos a perspectiva de Deleuze, destacando os principais argumentos que sustentam a tese de uma complementaridade impossível, com base nas diferenças formais, narrativas e afetivas entre os dois autores. A terceira seção é dedicada à análise da diferença de linguagem entre os regimes discursivos sádico e masoquista: enquanto Sade mobiliza uma linguagem jurídico-dedutiva para sistematizar a violência como direito natural, Masoch constrói uma cena literária mediada pela espera, pela imagem e pela suspensão da Lei. A quarta seção trata dos elementos romanesco-simbólicos que caracterizam a obra de Masoch, com especial atenção à figura do contrato, ao papel da mulher poderosa e ao desdobramento institucional da fantasia. Tais elementos revelam uma lógica própria do masoquismo, que se articula com uma estrutura de ficção e ritual, em oposição à racionalidade jurídica e filosófica do universo sádico. Por fim, na última seção, esboçamos a hipótese de uma razão erótica como condição de possibilidade da razão crítica ou iluminista, explorando a ideia de que a razão não nasce *ex nihilo*, mas emerge em termos de resposta, captura ou sublimação de uma racionalidade erótica, ligada

ao corpo, ao afeto e à cena. Assim, buscamos pensar não apenas a diferença entre Sade e Masoch, mas o que essa diferença pode ensinar sobre os limites da razão moderna e os modos de subjetivação que a atravessam.

A noção de complementariedade

A psiquiatria clássica considerava que toda prática sexual não destinada ao encontro dos genitais com vistas à procriação era desviante, portanto, perversa. Desta feita, as práticas sexuais que envolviam cometer ou receber atos de agressividade ou violência com o parceiro sexual foram categorizadas de sadismo ou masoquismo, respectivamente. Enquanto entidades nosológicas, eram consideradas como patologias congênitas oriundas de má hereditariedade.

Na primeira metade do século XIX, o nome de Sade foi o paradigma da definição da perversão. Roudinesco (2008) afirma que a criação do neologismo ‘sadismo’ se deu em 1838 e que serviu de conceito primordial para os sexólogos. Em seguida, esses médicos justapuseram ao sadismo um outro diagnóstico: o masoquismo.

O responsável pela autoria do neologismo “masoquismo” foi o alemão Richard von Krafft-Ebing. Em sua obra, *Psychopathia Sexualis* (1886), considerada o mais extenso catálogo médico das perversões sexuais, ele afirma que justifica o fato de chamar esta anomalia de ‘masoquismo’ porque “o autor Sacher-Masoch frequentemente fazia desta perversão [...] o substrato de seus escritos. [...] Sacher-Masoch não era apenas o poeta do masoquismo, mas ele mesmo sofria desta anomalia” (Krafft-Ebing, 1965, p.87). Este mesmo médico sustenta a complementariedade entre as duas entidades, que de acordo com ele formariam um par perfeito:

A contrapartida perfeita do masoquismo é o sadismo. Enquanto na primeira há um desejo de sofrer e ser sujeitado a violência, na última o desejo é de infligir dor e fazer uso da violência. O paralelo é perfeito. Todos os atos e situações utilizados pelo sadista no papel ativo tornam-se o objeto de desejo do masoquista no papel passivo. Em ambas as perversões esses atos vão desde puramente simbólicos até maus tratos severos (Krafft-Ebing, 1965 p.140).

Depois da psiquiatria clássica estabelecer a complementariedade do sadismo e do masoquismo, Sigmund Freud, herdeiro dessa psiquiatria, foi o responsável pela criação do neologismo *sadomasoquismo*. De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 681), este termo foi forjado “a partir de sadismo e masoquismo, para designar uma perversão sexual baseada num modo de satisfação ligado ao sofrimento infligido ao outro e ao que provém do sujeito humilhado”, por um lado. Por outro lado, Freud também atribuiu a este binômio uma dimensão pulsional de caráter universal, baseado na simetria e na reciprocidade entre um sofrimento passivamente vivido e um sofrimento ativamente infligido. Importa ainda observar que Freud nunca leu a obra de Sade. Roudinesco (2008, p. 73) conta que o catálogo da biblioteca de Freud do Museu de Londres “indica que Freud interessava-se apenas pelo sadismo, tendo lido uma única biografia de Sade, a de Albert Eulenburg [...] e não possuía nenhuma das obras do Marquês”.

Deleuze: aspectos de uma complementariedade impossível

71

É como reação à estas concepções que Deleuze coloca-se numa perspectiva inteiramente diferente, separando os dois termos reunidos por Freud para fazer do masoquismo um mundo à parte, desconectado de Sade. O filósofo se pergunta se o sadismo dos personagens de Masoch seria o mesmo de Sade e se o masoquismo dos personagens de Sade seria o mesmo de Masoch. Para ele, é difícil falar de uma transformação do sadismo em masoquismo e vice-versa. Por mais que exista esse fenômeno, é pouco provável que o sadismo do masoquista seja o de Sade e o masoquismo do sádico seja o de Masoch.

Foi por ignorar diferenças e especificidades que marcam universos distintos é que sadismo e masoquismo foram unidos. A unidade sadomasoquista é uma afirmação precipitada, é uma síndrome que confunde e arbitrariamente une sintomas bem diversos, e que corre o risco de não responder às exigências de uma verdadeira sintomatologia, afirma Deleuze. Uma sintomatologia verdadeira considera que “cada sujeito de determinada perversão precisa do ‘elemento’ da mesma perversão” (Deleuze, 2009, p.43). Para tanto, porém, é necessário voltar às

obras de Sade e Masoch e nelas encontrar todo o tipo de razões e intuições capazes de determinar cada um dos aspectos constituintes das perversões e, assim, dissociar a pseudounidade.

Na base da crença na unidade existem vários equívocos e facilidades convenientes. Pode parecer evidente que um sádico e um masoquista devam se encontrar, afinal, um gosta de infligir dor e o outro de sofrê-la, conclui o senso comum – lugar que um pensador precisa se distanciar para que possa ser realmente um pensador. Todavia, de acordo com a leitura de Deleuze, na realidade, nunca um sádico de verdade aceitaria uma vítima masoquista, e nem um masoquista um sádico.

A mulher-carrasco no masoquismo precisa ser formada por sua vítima, não pode ser sádica pelo mesmo motivo que a vítima do sádico não pode ser masoquista, não pode sentir prazer com o sofrimento infligido sobre ela. A mulher-carrasco e a vítima são elementos que pertencem inteira e exclusivamente ao masoquismo ou ao sadismo. Se a vítima do sádico fosse masoquista, o libertino ficaria despeitado pelo fato de que ela sentiria prazer e se a mulher-carrasco fosse sádica, ela fugiria ao roteiro do masoquista, encarando o elemento do “fazer sofrer” numa perspectiva não-masoquista.

Quando se misturam sadismo e masoquismo, as duas entidades são abstraídas independentes de seus mundos, e recompostas na forma aparente de um contrário perfeito que se transforma de um em outro. Deixa-se de levar em conta as particularidades, especificidades, exclusividades de cada uma.

A Diferença de linguagem²

No esforço de Deleuze, a fim de estabelecer as diferenças entre os dois universos, a primeira a ser abordada é a da linguagem. Segundo ele, chama-se literatura pornográfica uma literatura reduzida a algumas “palavras de ordem”,

² A questão da linguagem foi tratada por nós, de maneira embrionária, em publicação nos anais do XIX Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Unioeste.

seguidas de descrições obscenas, nas quais violência e erotismo estariam nelas reunidas de forma simples. Ainda que em Sade e Masoch, palavras de ordem são abundantemente proferidas, bem como as descrições, suas obras não podem ser classificadas como pornográficas, pois nelas a linguagem erótica não se reduz às funções elementares de mando e descrição, merecendo por isso o nome de ‘pornologia’.

Na linguagem erótica de Sade, há o desenvolvimento da faculdade demonstrativa como função superior da linguagem. Nessa faculdade da linguagem sadista, os dois outros aspectos – palavra de ordem e descrição – ganham nova significação: eles mergulham no elemento demonstrativo, existindo somente em relação a ele: “as descrições e a atitude dos corpos passam a representar o papel apenas de figuras sensíveis, ilustrando as demonstrações abomináveis” (Deleuze, 2009, p.22). A demonstração em Sade jamais tem a intenção de convencer ou persuadir, pois afinal, o sádico deseja se apoderar de uma vítima e gozar à custa dela, com um prazer inversamente proporcional ao seu consentimento. A função da demonstração, segundo Deleuze, é atuar sobre um mundo extra-sensível, onde a violência e a maldade são perpetuadas.

Também em Masoch, as palavras de ordem e descrições vão além para alcançar uma linguagem mais elevada. Nele, porém, tudo é persuasão, pois aqui é a vítima que necessita de uma mulher carrasco, que precisa convencê-la e formá-la. Para Deleuze, “é o sádico que pensa em termos de posse e o masoquista, em termos de aliança contratada. A posse é a loucura própria do sadismo; o pacto, a do masoquismo. O masoquista precisa formar a mulher déspota” (Deleuze, 2009, p.23). Isto fica evidente nos romances de Masoch, é ele quem a deseja cruel e a forma como déspota: “pela mulher que amo quererei ser maltratado, enganado – quanto maior a crueldade, melhor” (Masoch, 2008, p.54). Da mesma forma que Platão mostrava que Sócrates parecia ser o amante, porém revelava-se o amado, à primeira vista parece que o herói masoquista é educado, formado pela mulher autoritária, porém, mais profundamente, é ele quem a forma e a traveste, determinando inclusive as palavras duras que ela deve dizer.

Em suma: as especificidades das linguagens tanto de Sade quanto a de Masoch caracterizam a literatura pornológica. Sua tarefa, segundo Deleuze, “é

colocar a linguagem em relação com o seu próprio limite, com uma espécie de ‘não linguagem’ (a violência que não fala, o erotismo de que não se fala)” (Deleuze, 2009, p.25). Para isso, é preciso que os elementos da linguagem pornográfica – palavras de ordem e descrição – se desdobrem, indo a uma função mais elevada. Em Sade, a função imperativa e descritiva da linguagem se supera, alcançando uma pura função demonstrativa e instituidora; em Masoch ela se supera também, indo a uma função dialética, mítica e persuasiva.

Das funções superiores da linguagem de Sade e Masoch, Deleuze nos faz ver derivar uma grande diferença do ponto de vista das descrições, do seu papel e do seu valor. As descrições em Sade estão relacionadas a uma intensa demonstração que não depende do limite dos acontecimentos do mundo da experiência e por isso são obscenas em si mesmas, como se nota no exemplo:

Dolmancé – Oh, de todo o meu coração. Só quero um favor de Eugenie, é que permita fustigá-la tão fortemente quanto desejo sê-lo. Verás como respeito as leis da natureza. Mas esperai, arranremos isso: que Eugenie monte às vossas costas, senhora. Que se agarre ao vosso colo como as mães que trazem os filhos às costas; dessa forma, terei dois cus debaixo de minhas mãos, e os maltratarei os dois. O Cavalheiro e Agostinho me farão o mesmo, batendo-me simultaneamente nas nádegas (Sade, 2008, p.99).

74

Em Masoch isso não acontece. Sua obra guarda uma formidável decência, tanto que as fantasias masoquistas de seus romances são facilmente confundidas com costumes nacionais, brincadeiras de crianças, jogos de linguagem feminina, ou expressão do folclore eslavo e da alma da Pequena-Rússia:

Seguindo um velho costume, no calor de um banquete, homens bebem nos sapatos das mulheres (*A pantufa de Safo*); mocinhas pedem a seus apaixonados que se fantasiem de uso ou de cachorro e se deixem atrelar a uma carrocinha (*A pescadora de almas*); uma mulher apaixonada e travessa finge usar um papel assinado em branco por seu amante (*A folha branca*) (Deleuze, 2009, p.27).

A pergunta que Deleuze se coloca frente a essa diferença é: por que a função demonstrativa da linguagem em Sade, implica descrições obscenas, enquanto a função dialética persuasiva, em Masoch, parece excluí-las? Toda a criação do

primeiro é marcada por um aspecto: negação, em toda sua extensão e profundidade. Enquanto a do segundo por uma denegação e suspensão.

Deleuze argumenta que na negação presente na literatura de Sade, dois níveis devem ser diferenciados: o negativo como processo parcial e a negação pura como Ideia totalizante. Esses níveis correspondem à distinção sadista das duas naturezas: natureza segunda e natureza primeira. A natureza segunda forma o mundo da experiência e é sujeitada às suas próprias regras e às suas próprias leis: nela, o negativo está em todos os lugares, e a negação se dá apenas como processo parcial do negativo: destruição como inverso da criação, a desordem é uma outra ordem, a putrefação da morte é igualmente composição da vida. Por isso o libertino abomina essa natureza, pois ela deixa claro que o crime absoluto é impossível.

Oposta a natureza segunda está a natureza primeira, que é portadora da negação pura, acima dos reinos e das leis. É o delírio original, caos primordial feito unicamente de moléculas furiosas e dilacerantes. Porém essa natureza não pode ser dada na experiência: ela é unicamente objeto de uma Ideia, e a pura negação, um delírio, mas um delírio da razão (Deleuze, 2009). A distinção das duas naturezas corresponde à dos elementos: o elemento pessoal representa a forma como o eu sádico participa da natureza segunda; o elemento impessoal representa a maneira com que o eu sádico nega a natureza segunda e o seu próprio eu, e remete à natureza primeira como à ideia delirante de negação.

Para Deleuze o papel do negativo e da negação, ou da natureza segunda e primeira, ou ainda do elemento pessoal e impessoal na linguagem de Sade, é delimitar aquilo que o sádico deseja daquilo que ele efetivamente consegue fazer. O que excita um libertino, conta-nos Sade (2006) em *120 dias de Sodoma*, não são os objetos presentes, não é a sua vítima ou o que ele pode fazer com ela, mas sim, uma “ideia do mal”, ideia do Não, da negação (Deleuze, 2009). Porém, ela não pode ser dada na experiência, então, constitui-se objeto de demonstração.

Essa função superior da linguagem – a demonstração – permite que o sádico prove com um raciocínio delirante e convincente a ideia do mal, a negação pura. Contudo, ele não consegue aplicá-la empiricamente, ou seja, ela não se dá na experiência, mas se dá na palavra, na linguagem. A linguagem supera os limites

da natureza segunda e alcança a natureza primeira que é portadora da negação pura. O sádico, porque vive na natureza segunda, não experimenta a negação pura, mas a demonstra pela linguagem. Essa é a razão que Deleuze vê – e nos faz ver – nos diálogos intermináveis entre os libertinos, entre o libertino e suas vítimas. Porque não conseguem experimentar a negação pura, mas só demonstrá-la via linguagem é que “os heróis sádicos se desesperam e se enfurecem, vendo seus crimes reais tão diminutos, em comparação àquela ideia que eles só podem atingir pela onipotência do raciocínio” (Deleuze, 2009, p.29).

A razão delirante, expressa por Sade, pergunta: “em quais condições ‘um dor B’, provocada na natureza segunda, poderia de direito *repercutir e se reproduzir ao infinito na natureza primeira*”? (Deleuze, 2009, p.30). A única resposta possível é: na repetição e na monotonia! Isto porque, na prática, o libertino se vê reduzido a ilustrar sua demonstração total por processos parciais extraídos da natureza segunda. O que ele pode fazer, então, é acelerar e condensar os movimentos da violência parcial. A aceleração se faz pela multiplicação das vítimas e das dores.

Em Sade, a função demonstrativa não pode abster-se da descritiva, pois é necessária uma descrição quantitativa e qualitativa meticulosa. “É pela descrição e pela repetição aceleradora e condensadora que a função demonstrativa alcança seu efeito mais alto, ficando claro que a presença das descrições obscenas se fundamenta plenamente no conceito do negativo e da negação em Sade” (Deleuze, 2009, p. 31). As descrições obscenas aceleradas e condensadas passam do negativo – natureza segunda – em direção à negação. É acelerando e condensando as descrições que a função demonstrativa atinge seu objetivo.

Essa função da linguagem é diferente em Masoch. De acordo com Deleuze, em Freud encontra-se uma análise de resistências que implicam um processo de denegação, que não consiste em negar ou destruir, mas sim, em contestar a fundamentação do que é com uma espécie de suspensão e neutralização, capaz de relevar uma nova perspectiva não dada. Resistências estas que Deleuze evidenciará em sua leitura de Masoch. O melhor exemplo de denegação, segundo Deleuze, leitor de Freud, é o fetiche: meio pelo qual se denega que à mulher falta o pênis. De início, o fetichismo é denegação (não, não é verdade que falta o pênis

à mulher), em segundo lugar, neutralização defensiva (o conhecimento da situação real subsiste, mas é suspenso, neutralizado) e em terceiro lugar, neutralização protetora, idealizadora (neutraliza-se ou suspende no ideal, para anular os ataques que o conhecimento da realidade poderia trazer) (Deleuze, 2009).

O fetichismo assim definido, pelo processo de denegação e suspense, é parte essencial do masoquismo, pois não há masoquismo sem fetichismo. A própria maneira como Masoch define seu idealismo revela isso: “não se trata, diz ele em *A mulher divorciada*, de acreditar que o mundo é perfeito, mas, pelo contrário, de ‘criar asas’ e escapar do mundo pelo sonho” (Deleuze, 2009, p.34). Ou seja, não se trata de negar o mundo, destruí-lo ou idealizá-lo, mas sim, de denegá-lo, suspendê-lo, criando a possibilidade de abrir-se a um ideal dependurado na fantasia. Por meio do fetichismo “contesta-se a fundamentação do real para fazer surgir um puro fundamento ideal” (Deleuze, 2009, p.34). Exemplo disso sendo operacionalizado em Masoch é o início de *A Vênus das peles*, que começa justamente com a descrição de um sonho:

– Tal significa que o senhor é agora meu escravo, desprovido de ilusões; por isso farei a minha parte e o tratarei sem piedade. [...]
 – Não posso negar – eu disse –, para o homem não há nada que o excite mais do que a imagem de uma despótica mulher bela, voluptuosa e cruel, que dispõe de seus favoritos de maneira atrevida e desconsiderada, a seu bel-prazer [...] (Masoch, 2008, p.27).

Deleuze nos mostra que nos romances de Masoch tudo culmina no suspense: os ritos masoquistas de suplício e sofrimento implicam suspensões físicas (herói pendurado, suspenso); a mulher-carrasco assume poses estáticas que a identificam com uma estátua, um retrato ou uma foto, etc. Para ele, o sentido da repetição no masoquismo (repetição suspensiva) já explicaria a ausência de descrições obscenas em sua obra e, portanto, uma diferença significativa em relação à Sade. Na obra de Masoch, “a função descritiva subsiste, mas a obscenidade é denegada e suspensa, com as descrições de certa forma deslocadas do objeto propriamente para o fetiche” (Deleuze, 2009, p.34).

Portanto, na obra de Masoch, as palavras de ordem e descrições buscam uma função mítica ou dialética mais elevada, que repousa no conjunto da denegação como processo reativo e no suspense, como Ideal da imaginação pura; “tanto assim que as descrições subsistem, mas deslocadas, fixadas, tornadas sugestivas e decentes” (Deleuze, 2009, p.37).

É importante lembrar que Masoch é um grande admirador das artes e seus romances são impregnados delas. Diferente de Sade e seus personagens, cujos movimentos e atuações são dirigidos por uma teoria materialista. O número, a quantidade, a precipitação quantitativa constituem a “loucura própria do sadismo”. Masoch, por sua vez, acredita na arte e nas “imobilidades e reflexões da cultura. As artes plásticas, como ele as vê, eternizam o sujeito, suspendendo um gesto ou uma atitude” (Deleuze, 2009, p.71). Daí sua preferência e a grande ocorrência de cenas congeladas, como que fotografadas, estereotipadas, desenvolvidas à máxima intensidade. Essa experiência da espera, do suspense é parte essencial do masoquismo, pertence inteiramente a ele.

O complexo prazer-dor, a humilhação, a expiação, o castigo, a culpabilidade, sozinhos, ou, deslocados, não definem o masoquismo. É certo que uma condição indispensável para obter prazer é uma dor prévia, humilhação, ou punição, no entanto, como insiste Deleuze, esse mecanismo de prazer só se torna compreensível se relacionado com o modo como é executado e, sobretudo, em relação ao tempo, com a espera. “A forma do masoquismo é a espera. O masoquista vive a espera em estado puro” (Deleuze, 2009, p.72). Ele espera o que já está atrasado, e também algo que pode acontecer: dupla espera. Esperar o adiado e o que há de vir é o que estabelece a relação do prazer com a dor: “a dor realiza o que pode acontecer, ao mesmo tempo em que o prazer realiza o que se espera” (Deleuze, 2009, p.72).

O suspense, a espera, o fetichismo, a denegação e a fantasia formam o universo masoquista. O real e o ideal são transportados para a fantasia no masoquismo através da denegação da realidade e do suspense. A forma da fantasia é a espera, e o fetiche, seu objeto, objeto fantasiado por excelência. Por isso o masoquismo é a arte da fantasia. Deleuze (2009, p.73) nos fornece um exemplo:

Imaginemos uma fantasia masoquista: uma mulher de short está numa bicicleta fixa, pedalando vigorosamente; o sujeito está deitado sob a bicicleta, sendo quase atingido pelos pedais vertiginosos, com as palmas das mãos coladas às panturrilhas da mulher, todas as determinações estão aí reunidas, desde o fetichismo da panturrilha até a dupla espera representada pelo movimento dos pedais e a imobilidade da bicicleta.

Fazendo um paralelo com Sade, Deleuze afirma que a forma masoquista de utilização da fantasia jamais é encontrada no sadismo. O sádico não fantasia, ele precisa acreditar que não está sonhando, que seus atos são reais. O uso da fantasia é de agressão, intervenção e de sistematização no real: “a Ideia é projetada com rara violência” (Deleuze, 2009, p.74).

Elementos Romanescos e sua relação com a Lei: Contrato e Instituição

Outra distinção fundamental entre Sade e Masoch é em sua relação à Lei. Deleuze aborda os elementos do contrato e da instituição para mostrar como os literatos subvertem a lei, cada um a seu modo. Argumenta que há uma nova ironia e a subversão da lei em Sade, e o novo humor e a pseudo-obediência à lei em Masoch.

Para o filósofo, a forma contratual na relação masoquista é fundamental e não pode ser desconsiderada. O contrato é a forma ideal e a condição necessária da relação amorosa masoquista. É através dele que a vítima adentra o carrasco. Sua função é a de estabelecer a lei e seu sentido é conferir o poder simbólico da lei à imagem da mãe. Sendo assim, não existe masoquismo sem contrato. Em contrapartida, não existe sadismo sem instituição. A diferença entre contrato e instituição consiste, segundo Deleuze, em que do contrato se imagina o causador da lei, estando até subordinado a ela, por reconhecer sua superioridade. A instituição, ao contrário, faz a lei degenerar e julga-se superior a ela.

Deleuze (2009, p.81) identifica duas imagens de leis, uma clássica, e duas modernas. A primeira tem origem platônica, e nela, a lei é um poder segundo, dependente e representante do Bem. Essa imagem clássica possui dois aspectos: a ironia e o humor, que formam o pensamento da lei. A ironia é o jogo do pensamento que se atreve a fundar a lei num Bem infinitamente superior. E o

humor é o jogo do pensamento que se atreve a confirmá-la para um Melhor infinitamente mais justo.

A imagem moderna da lei, a partir de Kant, subverte e destrói a imagem clássica, tirando da lei seu fundamento externo. A novidade introduzida é que a lei não depende mais do Bem, ela deve valer por si mesma e se fundar em si mesma. De acordo com Deleuze, Kant lança mão da palavra “moral” para dizer de uma lei que “é a representação de uma pura forma, independente de um conteúdo e de um objeto, de um domínio e de circunstâncias. A lei moral significa A Lei, a forma da lei, excluindo qualquer princípio superior capaz de fundá-la” (Deleuze, 2009, p.83).

Outra ideia moderna a respeito da lei é freudiana. Para o psicanalista, na leitura de Deleuze, a lei nutre a culpabilidade daquele que a obedece. Ou seja, não é a consciência moral que causa a renúncia das pulsões, pelo contrário, é a renúncia que dá origem à consciência moral. Assim, quanto mais forte e rigorosa for a renúncia, mais a consciência moral, herdeira das pulsões, é forte e se exerce com rigor. Isso quer dizer que a proibição efetuada pela consciência corresponde ao desejo.

Para Deleuze, Sade e Masoch representam as duas grandes iniciativas de contestação, de subversão radical da lei: a nova ironia e a subversão da lei em Sade, e o novo humor e a pseudo-obediência à lei em Masoch. Daí Deleuze considerar os dois escritores também como clínicos da dimensão política da civilização.

A nova ironia, própria de Sade, é o movimento que consiste em ultrapassar a lei e buscar um princípio mais elevado, reconhecendo na lei apenas um poder segundo. Para o libertino, a tirania só é possível através da lei. O tirano apoia-se nas leis, fazendo delas sua única linguagem, daí seu ódio pelo tirano, e sua imensa tentativa de acabar com as leis. Deleuze identifica uma antitirania nos personagens de Sade (não no sentido oposto à tirania, mas além dela) instituindo uma contralinguagem que excede os limites da lei:

A lei é então ultrapassada, indo-se em direção a um princípio mais elevado, mas esse princípio não é mais o Bem que a fundamentava; pelo contrário, é a Ideia de um Mal, Ser supremo

em maldade, que a subverte. Subversão do platonismo e da própria lei. A superação da lei implica a descoberta de uma natureza primeira, que em todos os pontos se opõe às exigências e aos reinos da natureza segunda. Por esse motivo a Ideia do mal absoluto, tal como encarnada nessa natureza primeira, não se confunde com a tirania (Deleuze, 2009, p.87).

Em contrapartida, diferentemente do que se pode supor, o masoquista não será aquele submisso às leis, ele as atacará por outro lado. O novo humor masoquista não é o movimento que sobe da lei para um princípio mais elevado, mas o que desce da lei para as consequências, com o intuito de invertê-las. No masoquismo, para Deleuze, a mais estrita aplicação da lei tem o efeito oposto ao que normalmente se espera: as chicotadas, em vez de punir ou prevenir uma ereção, provocam-na, asseguram-na. Para Deleuze (2009, p.89), o humor masoquista é o seguinte: “a mesma lei que me proíbe de realizar um desejo, sob pena de uma punição, torna-se uma lei que coloca já de início a punição e, conseqüentemente, me ordena satisfazer o desejo”.

Assim, partindo da ideia moderna kantiana de que a lei não pode ser fundada no Bem, devendo se basear na sua própria forma, o sádico ultrapassa a lei, em direção a um princípio mais elevado, que é o elemento informal da natureza primeira, destruidora das leis. Já masoquista inventa uma forma de descer das leis às consequências: ele subverte a culpabilidade, tornando o castigo uma condição que possibilita o prazer proibido. Ambos subvertem a lei, no entanto, cada um ao seu modo.

Esboço: a razão erótica como condição de possibilidade da razão iluminista?

A razão crítica, tal como formulada pelo Iluminismo, apresenta-se como instrumento de libertação dos indivíduos frente à autoridade da tradição, da superstição e da fé. O projeto ilustrado deposita sua confiança na autonomia do sujeito racional, na universalidade do conhecimento e na capacidade da razão de legislar tanto o mundo natural quanto a moralidade – *Sapere aude!* Entretanto, conforme aponta Gilles Deleuze — especialmente em sua leitura de Sade e Masoch —, esse projeto não escapa à influência de uma zona pré-racional, afetiva

e erótica que, longe de ser exterior à razão, a atravessa, a anima e também a ameaça.

Ao abordar os universos literários de Sade e Masoch, Deleuze evidencia que o desejo e a cena erótica não são irracionalidades opostas à razão, mas formas de racionalidade heterogêneas, com lógicas próprias, regimes de enunciação distintos e temporalidades específicas. Em Sade, a razão crítica assume uma forma extrema: ela destrói os fundamentos tradicionais da moral não para libertar o desejo, mas para organizá-lo como sistema lógico e jurídico de destruição. O desejo, então, encontra na razão uma aliada — mas uma razão que se torna violenta, dedutiva, experimental, e que legitima a crueldade como direito natural. Trata-se da razão levada a seu limite, onde ela já não emancipa, mas se articula com uma lógica perversa de gozo absoluto.

Em Masoch, por outro lado, vemos uma razão erótica completamente distinta: suspensiva, teatral, vinculada ao contrato e à ficção. Aqui, o desejo não busca se afirmar como lei natural, mas se inscrever num campo de forças onde a Lei é feminilizada e transformada em objeto de cena. A razão erótica em Masoch não se opõe à razão iluminista de forma frontal, mas a subverte pela via da espera, do artifício, da imagem e da repetição. Em vez de um universalismo lógico, há uma construção sensível do desejo que suspende a norma para abrir espaço à diferença e à subjetivação.

Nesse sentido, pode-se propor que a razão erótica é uma espécie de condição de (des)possibilidade da razão iluminista: ela não a funda logicamente, mas a precede e a ultrapassa como campo de forças desejantes que, ora se deixa organizar por ela (como em Sade), ora a desestabiliza e a desvia (como em Masoch). É o que Deleuze chama de plano de imanência do desejo, onde a subjetividade não é pré-existente à razão, mas fabricada por ela em relação aos corpos, aos afetos, às imagens.

Ao invés de conceber o erotismo como irracional ou patológico, Deleuze o pensa como uma racionalidade outra: maquínica, estética, intensiva que revela os limites da razão dominante. Assim, ao invés de ser sua negação, o erotismo funciona como condição de emergência da própria racionalidade moderna, ao mesmo tempo que denuncia seus impasses. É nesse duplo movimento que a

razão erótica aparece como plano de imanência anterior e simultaneamente exterior ao projeto ilustrado: um plano onde o sujeito ainda não é sujeito, onde a Lei é ficção, e onde o pensamento emerge não como crítica, mas como produção de cena.

Portanto, a razão iluminista, não nasce do nada: ela é, segundo essa leitura, parasitária de uma racionalidade erótica, ainda que tente contê-la, dominá-la ou excluí-la. Mas essa exclusão nunca é completa, pois a razão erótica retorna como sintoma, como dobra ou como linha de fuga, revelando que o desejo é sempre mais do que a razão pode organizar. É por isso que Deleuze, ao interrogar a sexualidade em Sade e Masoch, está, de fato, operando uma crítica radical da razão ocidental — não negando-a, mas mostrando que ela se apoia num outro tipo de razão: uma razão encarnada, desequilibrada e criadora: a razão erótica.

Considerações finais

A leitura que Deleuze propõe de Sacher-Masoch desconstrói a noção vulgar de sadomasoquismo como uma complementaridade entre o sádico e o masoquista. Contra essa suposição simplista, Deleuze revela que os mundos eróticos de Sade e Masoch são estruturalmente heterogêneos e operam por lógicas incompatíveis. A pretensa continuidade entre ambos não passa de um erro de classificação psicológica ou moral que apaga a singularidade de suas ficções e de suas máquinas desejantes.

Sade constrói um sistema regido pela violência da razão crítica, ou seja, por uma racionalidade que, longe de se opor à crueldade, a organiza e a justifica. Em seu universo, o desejo é universalizado como força destrutiva que se impõe em nome de uma natureza soberana, amoral e absoluta. A razão não emancipa o sujeito, mas legitima o gozo em termos de experimento, dedução e afirmação jurídica do crime. O corpo do outro é, então, reduzido à condição de objeto de prova – um campo de experimentação sobre o qual se exerce o direito do desejo racionalizado.

Masoch, por outro lado, funda uma lógica completamente diversa: a Lei não é abolida, mas suspensa por meio de um contrato erótico-pedagógico. Aqui o

desejo não se afirma pela destruição, mas pela ficção. A cena masoquista se constrói pela espera, pela repetição ritual, pela teatralização de papéis. A dor, diferentemente do sadismo, não é infligida à condição de um castigo moral ou vingança, mas como elemento sensível e simbólico de um processo de transformação afetiva. O corpo não é destruído, mas enfeitado, envolvido em um imaginário que erotiza a imagem da mulher poderosa, fria e distante. Enquanto Sade opera pela afirmação brutal de um direito natural ao gozo, Masoch dramatiza a servidão voluntária como forma de invenção do prazer.

É essa oposição fundamental que leva Deleuze a negar qualquer complementaridade real entre os dois autores. Sade e Masoch não se complementam: eles divergem em seus regimes de enunciação, em suas estruturas temporais, em sua economia do desejo, em suas concepções de Lei e de corpo. Assim, Deleuze desmascara o termo sadomasoquismo como uma categoria mistificadora, que unifica à força dois modos de subjetivação e de erotismo que, em verdade, se excluem mutuamente. Nesse gesto, ele não apenas resgata a especificidade estética e filosófica de Masoch, também oferece uma crítica poderosa às formas de captura psicológica e moral do desejo.

Em suma, pensar Deleuze entre Sade e Masoch não é buscar mediação ou síntese, mas reconhecer a radical diferença que os separa – uma diferença que é condição de pensamento e de resistência às classificações normalizadoras da sexualidade, da literatura e da própria subjetividade.

Referências

KRAFFT-EBING, R. *Psychopathia Sexualis*: with especial reference to the antipathic sexual instinct. Translated Franklin Klaf. New York: Bell Publishing Company, 1965.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1997.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SADE, A. D. *Os 120 dias de Sodoma*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SADE, A.D. *Filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das Peles*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2008.

DELEUZE, G. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Submissão: 01.07.2025 / aceite: 20.07.2025